



Felipe IV a cavalo, de Diego Velázquez
Pintura original e com releitura do Museu do Prado e da
WWF para alertar sobre mudanças climáticas

Seriam as mudanças climáticas assunto de psicanálise?



Maria Luiza Gastal
Membro associada da SPBsb

A pergunta comporta muitas leituras. Os pacientes trazem as mudanças climáticas em suas análises, e seus analistas deveriam buscar compreender seus efeitos sobre eles? A psicanálise pode ajudar a compreender o comportamento humano diante da crise climática? Ela tem alguma contribuição para pensar saídas para a crise? São perguntas que vão do clínico ao social, do ético ao político. Há uma pergunta adicional, sobre a contribuição de psicanalistas brasileiros ao tema.

As mudanças climáticas são assunto de nossos pacientes? Muitos colegas, sobretudo europeus, relatam que elas aparecem cada vez mais nas análises, como conteúdo consciente ou inconsciente. Em

um painel no Congresso da APSA de 2021, Sally Weintrobe apresentou uma paciente, na casa dos vinte anos, que a procurou porque desejava um bebê, mas temia que isso fosse irresponsável, dada a emergência climática. Ela estipulou ainda que seu/sua analista deveria ser “consciente do clima”. Como assinala Sally, dinamicamente, a emergência pode se referir ao clima físico do planeta, ao clima interno da paciente ou a ambos. Somente o trabalho terapêutico, em que surgem elementos de realidade externa e interna entrelaçados, pode esclarecer essas questões. É no campo da transferência, da contratransferência e da resistência que o analista pode ajudar a paciente a compreender o que é realidade externa ou interna, passado ou presente.

A mim parece que, do lado de baixo do Equador, nossos pacientes se referem ao mundo social e natural trazendo questões que ainda que se relacionem à crise climática não aparecem como tal. Pobreza, desemprego, violência são antigas mazelas da sociedade brasileira, sempre presentes em nossas salas de análise. A crise climática não atinge de igual forma toda a humanidade. Países do sul, pobres, litorâneos, com grande desigualdade social são os mais atingidos, e velhos problemas podem dar falsa impressão de serem distantes

desse cenário de crise global. Mas a tendência é de que se agravem, comparecendo com mais frequência em nossos consultórios.

Os psicanalistas devem tentar compreender os efeitos da crise climática sobre seus pacientes? Tanto quanto tentaram compreender os efeitos de outras graves crises da humanidade. Em 1918, o V Congresso da IPA, em Budapeste, teve como tema os traumas de guerra. Nossos colegas europeus já são explicitamente convocados para isso, como vimos, mas também no Brasil os efeitos do clima sobre as subjetividades se fazem sentir. Em pesquisa realizada com 10.000 pessoas com idades entre 16 e 25 anos em dez países, 48% dos brasileiros disseram que as mudanças climáticas afetam negativamente a intenção de ter filhos — maior proporção da lista e acima da média de 39% entre as nacionalidades pesquisadas¹.

A psicanálise pode ajudar a compreender o comportamento humano diante da crise climática e a pensar saídas? Desde Freud, a psicanálise buscou compreender a dinâmica de crises sociais e políticas. Em 1915, Freud escreveu as *Considerações atuais sobre a Guerra e a Morte*², analisando o estado burocrático e militarizado do II Reich alemão. No final do século XX, Hanna Segal escreveu

sobre a guerra fria, que via como sustentada por uma estrutura de ansiedades esquizoparanóides, na qual desejos inconscientes de destruição e morte estavam presentes em ambos os lados da disputa e projetados no adversário³. Em 1995, avançou essa ideia, interpretando a Guerra do Golfo como um redirecionamento da hostilidade esquizoparanóide dos EUA e seus aliados para Sadam Hussein⁴. Entre Freud e Segal, e depois dela, muitos se apoiaram na psicanálise para pensar crises humanas.

Por exemplo, para Michael Rustin⁵ a dinâmica das elites do capitalismo, ignorando os riscos do descaso com o planeta, se assemelha ao que descreve Segal. As elites econômicas não querem simplesmente consumir mais, mas garantir seu poder em relação a rivais imediatos e aos demais. O consumo torna-se sinal de sucesso competitivo e a crise ambiental reflete a dinâmica de destrutividade do conflito interno descrito por Segal. Rustin vê o risco de exaustão, num curto período, dos recursos acumulados por milênios como um ataque inconsciente às gerações futuras, numa cultura individualista na qual a exacerbação do narcisismo leva a um enfraquecimento do sentido de comprometimento e obrigação com as gerações futuras e à

negação da herança recebida dos ancestrais.

A psicanálise tem muitos recursos para analisar os mecanismos inconscientes que reforçam e refletem uma estrutura social que parece cada vez mais suicida. A psicanálise brasileira, é claro, tem maturidade para se engajar nessa tarefa, e a posição do Brasil nos coloca diante da necessidade ética disso. Nosso país é detentor da maior extensão de floresta tropical do mundo, mas também autor, atualmente, de ataques criminosos ao meio ambiente, que provocam olhares preocupados do planeta.

No espaço da clínica, esse trabalho acontece analisando os mecanismos inconscientes que se entrelaçam ao mundo externo e produzem novas formas de sofrimentos psíquico. No plano político e social, investigando como o funcionamento inconsciente dos sujeitos desses tempos suicidas pode também oferecer abertura para caminhos de mudança. Não serão caminhos fáceis, pois envolvem uma mudança radical em nosso modo de vida e exigem, além de transformações estruturais na sociedade, uma disposição individual para o enfrentamento de enormes desafios. Se o trabalho com os pacientes só pode acontecer na sala de análise, a passagem da

compreensão para a ação ocorre no âmbito político e social. É nesses dois espaços – tão distintos, mas tão entrelaçados – que os psicanalistas podem contribuir com a busca de saídas para uma crise que ameaça concretamente as futuras gerações e todos seres vivos do planeta, hoje.

¹ <https://veja.abril.com.br/saude/por-ansiedade-climatica-os-jovens-estao-optando-por-nao-ter-filhos/>

²FREUD, S. 2010. “Considerações atuais sobre a guerra e a morte”. In: Introdução ao narcisismo: estudos de metapsicologia e outros textos (1914-1916). Obras Completas, vol. 12. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, , p. 209-246.

³Segal, H. 1987. Silence is the real crime. *International Review of Psychoanalysis*, 14(3): 3-11.

⁴ _____. 1995. From Hiroshima to the Gulf War and after: a psychoanalytic perspective. In: Elliott, A. & Frosh, S. (eds). *Psychoanalysis in contexts*, p. 191-194. London: Routledge.

⁵Rustin, M. 2013. How is climate change an issue for psychoanalysis? In: Weintrobe, S. (ed.) *Engaging with climate change. Psychoanalytic and Interdisciplinary Perspectives*. London: Routledge.

.....

Presidir a Febrapsi, uma boa experiência!



Cíntia Xavier de Albuquerque
Membro titular da SPBsb

Atendendo ao convite de Helena Pontual aqui estou para fazer um relato sobre a experiência de presidir a Federação Brasileira de Psicanálise, que tem 54 anos, 18 federadas e 2.300 membros. Farei um relato ao meu gosto, mais pessoal e livre. Esse convite me leva a relembrar e a refletir sobre um processo ainda em andamento, e até então eu não havia feito uma avaliação dessa experiência.

Tudo começou quando fui contactada por colegas que confiaram na minha capacidade de assumir o cargo. Por quê? Primeiro porque, por acordo verbal interno, a presidência da federação funciona pelo sistema de rodízio entre as regiões do país: nordeste, centro-oeste, sudeste e sul. O norte não está

incluído porque não temos nenhuma federada nesta região. A presidência, então, de acordo com essa combinação democrática, deveria vir para a Sociedade de Psicanálise de Brasília, que nunca havia presidido a Febrapsi. Entre os vários membros de nossa Sociedade em plenas condições de assumir o cargo eu me incluí, certamente porque já tinha presidido minha Sociedade em 2005-2006 e participado das diretorias de duas gestões da Febrapsi, em 2008-2009 e 2016-2017. E tive essas experiências porque gosto muito das atividades institucionais, do trabalho em grupo, e venho acumulando amigos nessas atividades e vivências.

Eu penso que é importante gostar da vida institucional, pois são muitas as tarefas e dificuldades, e eu as cumpro com contentamento e energia, jamais como uma cruz sobre meus ombros, jamais arrependida por ter aceitado o desafio. Pelo contrário: fico satisfeita ao ver que conseguimos formar um time coeso, disposto, correto e forte. Porque nesse momento do nosso país e do mundo é preciso ser forte.

A primeira etapa do desafio foi conseguir formar, num prazo curto, uma chapa representativa de nossa federação. Para isso, convidei quatro colegas vindos

da gestão anterior e quatro novos. Eis meu time de ouro e suas federadas: Gisèle Brito (SBPMG), José Gurgel (SPFOR), Bernard Miodownik (SBPRJ), Marina Bilenky (SBPSP), Carlos Frausino (SPBsb), Wania Cidade (SBPRJ), Daniela Bormann (SPRJ), Joyce Goldstein (SPPA). Além desses, está conosco Claudio Castelo Filho, editor da Revista Brasileira de Psicanálise, que é eleito pela SBPSP e participa da gestão da Febrapsi. É importante que o máximo de federadas esteja representado na diretoria. Membros de todas as regiões precisam se preparar para assumir os cargos. A cada dois anos precisamos de um time disposto a cuidar da Febrapsi o melhor possível.

A experiência mostra que, a cada vez que muda a diretoria, colegas mais experientes vão transmitindo seus conhecimentos sobre o funcionamento da Febrapsi aos recém-chegados. Felizmente contamos com secretárias que conhecem bastante a casa e nos ajudam a todos: Taís Maia e Lúcia Boggis. Taís, analista de comunicação, está conosco há 5 anos e é de uma energia inesgotável para o trabalho: ágil, atenta, extremamente disponível. Lúcia trabalhou conosco por 17 anos! É nossa gerente administrativa-financeira, vem do tempo da ABP, acompanhou nossa mudança

para Federação, passou sete anos fora e felizmente voltou comigo, pois sem essa peça fundamental na equipe administrativa eu não teria tido coragem de aceitar esse cargo. É calma, silenciosa, eficiente e lúcida.

Nos primeiros meses de trabalho focamos em arrumar a casa, sob o comando da Diretora Superintendente: a administração da Febrapsi demandava ajustes, providências, disposição e coragem. Ao mesmo tempo, todos íamos tomando pé das necessidades e particularidades de cada área - secretaria, tesouraria - e diretorias.

A Febrapsi cresceu e sua administração é complexa: é preciso cuidar dos eventos preparatórios para o congresso brasileiro junto às 18 federadas e deles participar cientificamente; organizar o próprio congresso é tarefa de gente grande e, para dar conta disso, o Diretor Científico conta com a colaboração intensa da Secretária Científica, que atualmente também coordena a Comissão de Infância e Adolescência. Nessa gestão criamos o Fórum Científico: conectados pela escrita. É um espaço destinado aos membros, que visa a expansão do pensamento teórico-clínico por meio de artigos publicados em nossas revistas.

Promovemos dois eventos em locais aonde ainda não chegamos oficialmente: Belém e Uberaba. Com a participação de membros da diretoria e colegas convidados, apresentamos a psicanálise que praticamos e alguns de nossos principais teóricos: Freud, Klein, Bion, Ferenczi, Winnicott e André Green. Organizamos também três eventos da Comissão de Infância e Adolescência, inclusive uma peça de teatro *on-line* com debate ao final com os jovens atores.

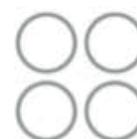
A Diretoria de Comunidade e Cultura organiza uma importante jornada anual; tem sob sua coordenação o Observatório Psicanalítico, a Comissão de Estudos Psicanalíticos sobre o Racismo e Práticas Antirracistas, o Congresso de Países de Língua Portuguesa e o SOS Brasil, projeto nacional de atendimento à população vitimada pela pandemia. O Observatório Psicanalítico, coordenado por Beth Mori e mais três colegas, chegou há cinco anos para nos conectar com o mundo. Em sua face interna propicia a conversa permanente entre nós sobre temas relacionados à cultura e, em sua face externa, divulga o pensamento escrito de nossos membros por meio das redes sociais.

O Diretor do Conselho Profissional tem promovido

debates sobre temas da maior importância - como a regulamentação da profissão e a questão da análise leiga; coordena a comissão de reforma do estatuto e nos representa no Movimento Articulação das Entidades Psicanalíticas.

O departamento de Publicações e Divulgação tem um enorme volume de trabalho; sua diretora coordena a publicação do Febrapsi Notícias, do Boletim das Federadas, da campanha #Psicanálise É, toda a divulgação dos eventos preparatórios, do congresso brasileiro, das jornadas de comunidade e cultura, de infância e adolescência, dos eventuais manifestos que a diretoria considera apropriado divulgar frente a determinadas questões.

Para concluir, um lamento: em função da pandemia nossa diretoria jamais conseguiu se encontrar, sentar-se para jantar e fazer um brinde festejando as conquistas alcançadas... Esse dia chegará.



Febrapsi elege nova diretoria e realiza Congresso em março

A Federação Brasileira de Psicanálise (Febrapsi) fará, em 22 de março de 2022, assembleia de delegados para eleger o novo Conselho Diretor da instituição. A Comissão Eleitoral, presidida por Cíntia Xavier de Albuquerque (atual presidente da Febrapsi e membro titular da SPBsb), é responsável por receber as inscrições das chapas constituídas, cujo prazo encerra em 20 de dezembro de 2021. Em seguida, no período de 23 a 26 de março de 2022, será realizado o 28º Congresso Brasileiro de Psicanálise, em formato virtual, devido às atuais condições sanitárias que ainda inspiram cuidados com a pandemia da Covid. O tema do Congresso é “Laços: o Eu e o mundo”, inspirado no texto de Freud *Psicologia das massas e análise do Eu*, que completou cem anos.

O Congresso seria realizado presencialmente em Gramado (RS), mas os organizadores optaram por mudar para a forma virtual. Esse Congresso estava programado para ser feito, inicialmente, em setembro de 2021, mas foi adiado para 2022 também devido à pandemia. Numa medida inovadora, a Febrapsi ofereceu cinco vagas para cada uma das federadas,

com objetivo de conceder bolsas de 100% para estudantes ou profissionais afrodescendentes, segundo o critério de cada sociedade. De acordo com comunicado da diretoria da Febrapsi, a intenção é ampliar o acesso e a participação dessa população no ambiente psicanalítico.

“Estamos trabalhando arduamente para realizar um congresso virtual interessante, inovador e que atenda ao padrão de qualidade dos Congressos Febrapsi. Informamos, desde já, que as atividades científicas permanecerão acessíveis para visualização pelos inscritos até 30 dias depois do início do Congresso. Não iremos a Gramado, cidade que sediará o Congresso, mas Gramado irá até nós através dos laços virtuais, os mesmos laços que formarão um continente de saberes e de afetos a nos rodear de 23 a 26 de março de 2022”, conforme nota da Febrapsi, assinada por Cíntia Xavier de Albuquerque e Marina Kon Bilenky, diretora do Departamento de Publicações e Divulgação. As inscrições podem ser feitas pelo site: <http://congresso.febrapsi.org/pre-inscricao/>



Contribuições de Ferenczi para a Psicanálise contemporânea



Daniela Prieto
Diretora científica da SPBsb

A Diretoria Científica realizou nos dias 26 e 27 de novembro de 2021 o evento “Contribuições de Ferenczi para a Psicanálise contemporânea” com as apresentações de Denise Goldfajn (Sociedade de Psicanálise do Rio de Janeiro e Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo), Jô Gondar (Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro), Luis Cabré (Asociación Psicoanalítica de Madrid), Nelson Coelho Júnior (Professor do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo) e Luis Cláudio Figueiredo (Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro). A organização do evento contou com a colaboração de Maria Nilza Campos, membro associada da Sociedade de Psicanálise de Brasília e coordenadora do grupo de estudos Sandor Ferenczi dessa Sociedade. Goldfajn ressaltou que ocorreu

um apagamento de Ferenczi que durou cerca de 50 anos, porém tem havido um aumento do interesse pelas contribuições desse autor nos últimos anos. Ela destaca, entre as contribuições dele, a importância dada ao cuidado com o ambiente e a necessidade da adaptação da família à criança. Goldfajn falou ainda sobre as contribuições de Ferenczi para pensar o sofrimento das crianças mal acolhidas ou excluídas e sua proximidade com o ódio mortífero. Jô Gondar apresentou as contribuições de Ferenczi para pensar questões sobre diversidade e multiplicidade de gêneros.

Cabré disse que as objeções que se faziam às contribuições teóricas de Ferenczi estavam associadas a uma suposta excessiva elasticidade da técnica e em função da recuperação da teoria do trauma como aspecto central do aporte teórico da Psicanálise. Destacou que Ferenczi também avaliava que boa parte dos fracassos terapêuticos se deveria ao fato de o analista não levar em conta, de modo suficiente, a realidade de certos traumatismos vividos pelo paciente e que se reativam na transferência. Figueiredo apontou que a introdução do conceito de pulsão de morte tem muitas implicações clínicas, entre elas a possibilidade de estender a clínica psicanalítica para o tratamento das psicoses e das neuroses narcísicas, ou seja, para os adoecimentos psíquicos que envolvem falhas graves no funcionamento do Eu. As duas

matrizes dos adoecimentos psíquicos freudo-kleiniana e ferencziana foram abordadas na conferência, como propostas no livro *Adoecimentos psíquicos e estratégias de cura: A matriz freudo-kleiniana, em que imperam as ansiedades e angústias, bem como as defesas (entre as quais a capacidade de emitir a angústia-sinal), e a ferencziana, em que imperam os desamparos (desamparo pré e desamparo pós-traumático), a condição indefesa do Eu (com ausência da angústia-sinal) e as agonias.* Coelho Júnior destacou em sua exposição que Ferenczi foi um construtor da tradição psicanalítica e, ao mesmo tempo, um genial inovador. Sua experimentação clínica e teórica possibilitaram o desenvolvimento do conhecimento psicanalítico, principalmente para o atendimento de pacientes precocemente traumatizados. As duas mesas do evento sobre as “Contribuições de Ferenczi para a Psicanálise contemporânea” trouxeram ricas reflexões dos apresentadores para pensar o legado do referido autor e sua influência na clínica atual. Abaixo, o evento gravado para quem quiser assistir:

[Parte I](#)
[Parte II](#)

Referência bibliográfica:
Figueiredo, L. C. & Coelho Júnior, N. E. (2018). *Adoecimentos psíquicos e estratégias de cura. Matrizes e modelos em psicanálise.* São Paulo: Blucher.

.....

Atividades Psicanalíticas de uma Clínica Extensa



Beth Mori
Diretora de Comunidade e Cultura da SPBSb



Daniela Boianovsky
Membro do IPVLB, da SPBSb



Teresa Lírio
Membro associada da SPBSb

Que história é essa de clínica extensa? Uma novidade? Veremos que não. É só a vasta medida em que o método ultrapassa a técnica. O método psicanalítico usado fora do consultório, por exemplo, onde a técnica padrão é inexecutável. Ou, no consultório, sendo quase tudo o que se faz, mas raramente se conta. Nossa técnica – livre associação, atenção flutuante, interpretação transferencial, neutralidade etc. – é em geral uma boa coisa, dependendo de como cada qual a traduz em procedimento concreto; de modo aberto, como uma inspiração, ou de modo fechado, como um ritual. Seja como for, porém, a técnica não é um método. (Herrmann, 2003, in Barone, 2005, p. 19)
Convidadas por Helena Pontual, colega e Diretora de Comunicação e Divulgação

de nossa Sociedade, para escrevermos neste boletim que encerra o ano difícil de 2021, decidimos pensar sobre como a psicanálise esteve presente na nossa dinâmica de trabalho na Diretoria de Comunidade e Cultura/DCC pautada, sobretudo, pela amizade que nos une. A pandemia nos manteve isoladas fisicamente, onde tivemos que lidar, um tanto solitárias, com a tristeza destes tempos... Mas, graças aos avanços da tecnologia, pudemos experimentar uma nova forma de estarmos próximas, unidas, ainda, na aprendizagem com nossas experiências em fazer falar a psicanálise que assumimos. Continuamos apostando nos programas da Rede Psicanalítica Solidária (RPS), criada em 2020 com o objetivo de ampliar o acesso da comunidade

à psicanálise por meio do atendimento voluntário psicanalítico, seja individual ou grupal. Sabemos que, apesar do adoecimento pela COVID ameaçar a todos, a contaminação e o número de mortes no Brasil continuam afetando principalmente os mais vulneráveis socialmente, aqueles que dependem de políticas públicas que os atendam em áreas como saúde, transporte, educação e segurança. Assistimos ao crescimento da fome, do desemprego, do racismo, da violência contra crianças, mulheres, homo e transexuais, periféricos e imigrantes, provocando estados emocionais turbulentos e disruptivos. Neste sentido, somos convocados a ofertar nossa escuta sensível à dimensão

sociopolítica do sofrimento (Debieux Rosa, 2016), ao mesmo tempo que temos acompanhado a multiplicidade de práticas - desenvolvidas a partir da abordagem psicanalítica - como tentativas de responder às diferentes formas de sofrimento humano, mostrando a riqueza de uma clínica de maior complexidade quanto ao seu alcance terapêutico e suas teorias explicativas.

Freud (1919) entende que a extensão da clínica a toda população exige adaptação das nossas técnicas às novas condições. E supõe que "alguma organização" deverá permitir aumentar o nosso número de psicanalistas para o tratamento de grandes quantidades de pessoas, até que o "Estado sinta como urgentes esses deveres". (p. 292)

Nesta linha da proposta freudiana, presente também no trabalho que caracteriza a RPS - sem nos desviar, portanto, de nossas especificidades - temos tentado ampliar a oferta de nossa escuta psicanalítica em nossa Sociedade, aceitando o desafio de acolher os aspectos singulares das dores que nos são trazidas no contato com esta dimensão sociopolítica.

Fábio Herrmann (2001, p. 50), sobre o "Método Psicanalítico", nos lembra que mesmo Freud, diante de um paciente novo, pensou em repetir o procedimento utilizado anteriormente, mas este modo se converteu, "num passe

de mágica", em um "simples exemplo de psicanálise". Na repetição, "a essência deste ato anterior nos escapa pelas mãos". Aprendemos, portanto, que o "ato de criação" é o caráter de nosso trabalho, já que o seu objeto, o inconsciente, não se deixa mostrar-se tão facilmente. Freud nos recomendou algumas técnicas para auxiliar-nos no acesso a este objeto. Disso sabemos. E sabemos também, no exercício de nossa clínica contemporânea, que podemos contar com as teorias psicanalíticas e dispositivos desenvolvidos nestes mais de 100 anos de psicanálise. E nos colocamos nesse movimento de construção de uma psicanálise contemporânea permanentemente viva. Para termos clareza sobre os caminhos que estamos trilhando, iniciamos na SPBSB, em agosto deste ano, curso ministrado pelas colegas da SBPSP, Luciana Saddi e Leda Barone, sobre o pensamento de Fábio Herrmann. O psicanalista, ao pensar na sua prática como analista, compreendia o quanto ela estava implicada na manutenção do rigor do método psicanalítico, com suas técnicas diversas e uma escuta descentrada que pudesse provocar uma ruptura de campo e a abertura para novas possibilidades de ressignificação. Em nosso trabalho com a RPS, muitas pessoas seguem sendo atendidas individualmente. Decidimos, em nossa reunião de novembro último, que a

partir de 2022 privilegiaremos o atendimento psicanalítico em grupo, e que além dos grupos já realizados com "crianças de 0 a 3 anos", grupo de "adictos" e grupo de escuta analítica com foco nas "relações étnico raciais", avaliamos a possibilidade de criar novos grupos, temáticos e não temáticos. Concordamos com a possibilidade de produção de sentidos diferentes em cada um dos participantes, viabilizados pela escuta e apreensão de outros discursos, que podem estar fora do tema proposto por cada um.

Para isso, nós da DCC, estamos planejando atividades teóricas e clínicas para nos dar subsídios. Nosso desejo é ampliar as modalidades de atendimento e conservar o cuidado com o método psicanalítico como propõe Fábio Herrmann.

Em consonância com a ampliação de nossa escuta psicanalítica, nos eventos públicos que realizamos com nossos convidados neste ano de 2021 - foram quatro - procuramos pensar sobre o sofrimento psíquico em relação à pandemia, às identidades, direitos e desejos da mulher, à mente totalitária tão manifesta nos dias atuais, e como o método psicanalítico, na perspectiva de Fábio Herrmann, nos auxilia nesta tarefa. Estiveram conosco nossos colegas (Bernardo Tanis (SBPSP), Sylvain Levy (SPBSB), Leda Herrmann (SBPSP), Luciana Saddi (SBPSP), Luiz Meyer (SBPSP), Magda Khouri

(continuação artigo "Atividades Psicanalíticas de uma Clínica Extensa")

(SBPSP), Mayarê Baldini (SPBSB), e Yara Frateschi (filósofa), Deborah Duprat (advogada e subprocuradora geral da república aposentada), Jaqueline Gomes de Jesus (psicóloga e historiadora), onde pudemos comprovar como a psicanálise opera, a partir de seu olhar sobre a cultura, no diálogo com outros campos de saber. Chegamos ao fim de 2021 com a sensação de muito aprendizado e desafios que, certamente, seguirão fazendo parte do caminho que trilharemos em 2022.

Referências:

Debieux Rosa, M. (2016). *A Clínica Psicanalítica em face da Dimensão Sociopolítica do Sofrimento*. Série Margens: Psicanálise, Cultura e Política. São Paulo; Escuta/FAPESP

Freud, S. (1919). Caminhos da Terapia Psicanalítica. In *Sigmund Freud Obras Completas vol. 14 História de uma Neurose Infantil ("O homem dos Lobos"), Além do Princípio do Prazer e outros textos (1917-1920)*. São Paulo: Companhia das Letras.

Herrmann, F. (2003/2005). Clínica Extensa. In Barone, L. M. C. (Coord). *A Psicanálise e a Clínica Extensa. III Encontro Psicanalítico da Teoria dos Campos por Escrito*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Herrmann, F. (2001). *Introdução à Teoria dos Campos*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

.....

Cowap Committee on Woman and Psychoanalysis

Almira Rodrigues
Membro de enlace Cowap junto à SPBSb e integrante da Comissão Cowap Brasil (Gestão 2020-2021)
Renata Bittencourt
Representante Cowap junto ao IPVLB

Neste segundo ano de pandemia, e com as atividades *on-line*, o Cowap tem vivenciado uma intensa interação de seus membros. O Comitê está muito ativo no país e vem se destacando no âmbito da América Latina. As temáticas de diversidade e dissidências sexuais e de gênero, feminilidade e masculinidade, violência de gênero e à comunidade LGBTQIA+ tem ganho cada vez mais visibilidade e consideração junto a analistas. A seguir, elencamos algumas atividades segundo as diversas instâncias dos Comitês.

Cowap-SPBSb

A representação do Cowap junto à SPBSb está a cargo de Almira Rodrigues e, junto ao IPVLB, de Renata Bittencourt. Almira continua respondendo pela página Cowap Brasil no site da SPBSb com a ativa participação de Lannusa Castro. Este é um grande apoio da SPBSb ao Cowap Brasil.

O Cowap-SPBSb reativou o Grupo de Estudos Sexualidade e Gênero no ano, mediante a realização de seis encontros abertos aos membros da Sociedade e do Instituto, cada um com a indicação de um texto base para discussão. Neste ano, contou também com a participação de membros do Cowap das SBPRJ, SPRJ, SPR-PE e do NPUberlândia.

7 de abril – Relações de gênero e violência de gênero

5 de maio – Diversidade sexual e de gênero

2 de junho – Novas configurações de parentalidades e conjugalidades - famílias

2 de setembro – Psicanálise, diversidade sexual e de gênero e teoria queer

14 de outubro – Relações amorosas: feições de dominação-sujeição e de parceria

11 de novembro - Envelhecimento: teoria e clínica

Enquanto representante do Cowap-SPBSb, Almira participou do debate sobre seu artigo "Psicanálise e gênero nas relações amorosas na contemporaneidade" (em 16-07-21), a convite do Grupo de Estudos Sexualidade e Gênero do Núcleo Psicanalítico de Salvador. Também participou de debate sobre seu artigo "Psicanálise, despatologização e subjetivação – corpos, sexualidades e gêneros" (em 03-08-21), a convite do Grupo de Estudos Cowap O Feminino – da SBPMG.

Enquanto representante do Cowap-IPVLB, Renata participou dos encontros mensais do COWAP-SPBSb, da sessão "Women and Psychoanalysis Committee Work Group" no pré-evento do Congresso *on-line* da IPA 2021 e do debate "As mulheres que inspiraram Freud:

o caso Katharina” na Jornada Latino-Americana do COWAP 2021. Integra o Grupo de Apoio COWAP - GAC atendendo voluntariamente a mulheres vítimas de violência e participa das reuniões semanais do grupo.

Cowap Brasil

O Comitê Mulheres e Psicanálise – Cowap IPA é reconhecidamente um dos mais expressivos e dinâmicos comitês da IPA. O Cowap Brasil é uma articulação no país e tem representação junto à Febrapsi, na pessoa de Rosa Sander Lang (SPRJ); e junto à ABC, na pessoa de Juliana Picado Alvares R. dos Santos (Instituto da SBPSP). Atualmente tem representação/enlaces nas 15 Sociedades, em 2 Grupos Psicanalíticos e 3 Núcleos de Psicanálise.

O Cowap Brasil congrega mais de 80 psicanalistas em todo o país e se estrutura a partir de uma Comissão Cowap e de enlaces e

grupos Cowap nas sociedades, grupos e núcleos psicanalíticos.

Destacamos as seguintes atividades realizadas: reuniões mensais de planejamento da Comissão Cowap Brasil; um ciclo de palestras “Mulheres que inspiraram Freud”, onde foram revisitados os casos Dora, Anna O, Sidonie Csillag, Katharina e Elisabeth Von R.; conferência de Virgina Ungar pelo 8 de março; II Jornada do Cowap Brasil – com o título “Desatando os nós e (re) criando laços, um olhar sobre a violência”; além de um curso sobre Alcira Mariam, psicanalista argentina que contribuiu para a afirmação do Cowap IPA e Cowap Latino América e produziu conhecimentos importantes sobre psicanálise e gênero.

Destacamos ainda a produção, impressão e pré-venda de 500 agendas e 500 calendários Cowap Brasil 2022, com homenagem a 12 psicanalistas brasileiras pioneiras: Adelheid Koch; Galina Schneider; Helena

Besserman Vianna; Inaura Carneiro Leão; Judith Andreucci; Lygia Alcântara do Amaral; Maria da Paz Manhães; Maria Alzira Perestrello da Câmara; Marlene Araújo; Nilde Macedo Ribeiro; Suad Haddad de Andrade; e Virgínia Leone Bicudo.

Cowap Latino-américa

O Cowap Latino-américa realizou o evento “Diálogos entre psicoanálisis y género” (10 seminários); e uma Jornada Latino Americana em 2021, com o título “Picossexualidades Hoje: Aportes Psicanalíticos”.

Cowap IPA

Entre os diversos eventos do Cowap IPA, destacamos o Webinar sobre Masculinidades, com a participação da integrante do Cowap SBPSP Cândida Sé Holovko.



CURSOS E GRUPOS DE ESTUDO

Grupo de estudos preparatórios - Congresso de Psicanalistas de Língua Francesa

Coordenação: Sílvia Helena Heimbürger
Um sábado por mês - 16h

Grupo de Estudos - Psicanálise vincular: Casal e Família

Coordenação: Nize Nascimento
Encontros quinzenais - Quartas-feiras - 19h

Grupo de Estudos - Sexualidade e Gênero - Cowap-SPBsb

Coordenação: Almira Rodrigues
1ª quarta-feira por mês - 20h30

Formação continuada - Subjetividades contemporâneas e relações amorosas

Coordenação: Almira Rodrigues
Quintas-feiras - 20h30

Formação continuada - Álbum de família: instantâneos da psicanálise contemporânea e de suas matrizes

Coordenação: Maria de Fátima Silveira dos Santos
Segundas-feiras - 20h30

Formação continuada - Da Sociologia à psicanálise - a atualidade de Virgínia Leone Bicudo

Coordenação: Cláudia Carneiro, Carlos Frausino e Paola Amendoeira
Terças-feiras - 20h30

Curso - Obras de Freud

Coordenação: Carlos de Almeida Vieira
3º sábado do mês - 15h

Curso - Formação de Psicanalistas de Crianças e Adolescentes

Coordenação: Maria Sílvia Valladares
quartas-feiras - 20h30

NOTÍCIAS

Instituto de Psicanálise

Psicanalista de crianças e adolescentes

A Comissão de Ensino aprovou o pedido de qualificação como psicanalista de crianças e adolescentes de Liliana Dutra de Moraes.

Assembleia Geral

Comissão de Ética

Em Assembleia Geral Ordinária do dia 15 de dezembro a SPBsb elegeu novos integrantes para a Comissão de Ética, que ficou composta por:

Efetivos: Cláudia Aparecida Carneiro, Maria Nilza Mendes Campos e Cíntia Xavier de Albuquerque

Suplentes: Almira Correia de Caldas Rodrigues, Sancha Benvindo Lopes e Sylvain Nahum Levy

BIOGRAFIA



Janine Puget

Imagem: Verônica Bellomo

Psiquiatra e psicanalista nascida na França em 1926, Janine Puget emigrou ainda na infância para a Argentina, onde morreu no dia cinco de novembro de 2020, aos 93 anos. Foi destacada psicanalista da Associação Psicanalítica de Buenos Aires (APdeBA), na qual era membro titular e diretora do Departamento de Casal e Família da instituição, bem como integrante do grupo de Direitos Humanos da IPA-Fepal. Puget fundou a Associação Argentina de Psicologia e Psicoterapia de Grupo, é autora de diversos livros e recebeu, entre prêmios e homenagens, o Prêmio Sigourney em 2011, por suas importantes contribuições para o desenvolvimento da psicanálise.

Ao anunciar a morte de Pujet, a então presidente da IPA, Virgínia Unger, disse que a psicanalista

“foi, acima de tudo, uma profunda pensadora, aberta à mudanças e novas ideias até o fim de sua vida”, e que “soube ser consistente em suas ideias sobre a igualdade de oportunidades no campo social e em pensar uma psicanálise comprometida com a cultura, aberta e evoluindo para longe de qualquer tipo de certeza.”

Junto com Isidoro Berenstein, Janine Pujet elaborou, a partir de 1950, a Teoria da Psicanálise das Configurações Vinculares, levando em conta o chamado paciente vincular ou pluripessoal (casal, família, grupo) e suas estruturas inconscientes. Em artigo publicado no Boletim do Departamento de Psicanálise do Sedes Sapientiae, a psicanalista Lisette Weissmann explica que essa teoria pode ser entendida como um estudo psicanalítico

dos vínculos a partir da psicanálise tradicional freudiana.

“Essa corrente de pensamento psicanalítico surgiu como necessidade de dar respostas a questões que surgem nos atendimentos contemporâneos e ficam sem poder ser abrangidas nas consultas psicanalíticas individuais. Surge a necessidade de repensar a clínica e reescrevê-la para desenhar um dispositivo que habilite a trabalhar em atendimentos vinculares com casais e famílias. A questão é como dar conta do mal-estar vincular na clínica,” observou Weissmann.

Abaixo uma entrevista feita com Janine Pujet pela *Revista Percurso*, onde fala de sua obra, suas ideias e conceitos:

[Clique aqui para ler a entrevista](#)

AGENDA NACIONAL E INTERNACIONAL

Curso sobre Bion com Arnaldo Chuster

5 de agosto de 2021 - online (vagas continuam abertas)

SPRJ

Informações: [clique aqui](#)

28º Congresso Brasileiro de Psicanálise – “LAÇOS: O EU E O MUNDO”

23 a 26 de março de 2022

Febrapsi

Informações: [clique aqui](#)

Cinema & Psicanálise de Ribeirão Preto – “Belos Sonhos”

Março de 2022

SBPRP

Informações: [sbprp.org.br](#)



CORPO DIRETIVO SPBsb

DIRETORIA

Presidente: Lúcia Eugênia Velloso Passarinho

Secretária: Isa Maria Lopes Paniago

Tesoureira: Maria Fernanda Cardoso de Oliveira Lenzi

Diretora Científica: Daniela Yglesias de Castro Prieto

Diretora do Instituto: Luciano Wagner Guimarães Lírio

Diretora de Comunidade e Cultura: Beth Mori

Diretora de Comunicação e Divulgação: Helena Lopes Daltro Pontual

BIBLIOTECA: Isa Maria Lopes Paniago

CENAPP - CENTRO DE ATENDIMENTO E PESQUISA EM PSICANÁLISE

Coordenação geral: Nize Nascimento

Coordenação subcomissões: Vanderli Frare

Subcomissão Assuntos Administrativos: Nize Nascimento e Vanderli Frare

Subcomissão de Encaminhamento: Jória Cristian Santos e Marina Reifschneider

Subcomissão de Divulgação: Flávia Braga e Ségismar Pereira

Subcomissão de Pesquisa: Nize Nascimento e Vanderli Frare

DIRETORIA DE COMUNICAÇÃO E DIVULGAÇÃO

Diretora: Helena Daltro Pontual (editora do Boletim Informativo)

Membro: Paola Amendoeira (editora do Jornal Associação Livre)

COMISSÃO DE ENSINO

Luciano W. G. Lírio (coordenador), Ana Velia Vélez de Sánchez Osella, Márcio Nunes de Carvalho, Sílvia Helena Heimbürger e Teresa Cristina de Moura Peixoto

COMISSÃO DE PSICANÁLISE VINCULAR: FAMÍLIA E CASAL

Coordenadora: Lúcia Eugênia Velloso Passarinho

Membros: Ana Velia Vélez de Sánchez Osella, Lúcia Eugênia Velloso Passarinho, Maria José Miguel e Nize Nascimento

COMISSÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO

Coordenação: Adriana de Souza Brill

Membros: Ana Velia Vélez, Carlos César Marques Frausino, Erika Reimann, Luciano Antunes

CONSELHO DE DIDATAS

Avelino Neto, Carlos de Almeida Vieira, José Nepomuceno Filho, Márcio Nunes de Carvalho, Maria de Fátima Malva, Regina Lúcia Braga Mota, Roberto Calil Jabur, Ronaldo M. de Oliveira Castro, Sílvia Helena Heimbürger e Tito Nícias Teixeira da Silva

CONSELHO DE ÉTICA

Efetivos: Cláudia Carneiro, Maria Nilza Campos e Cíntia Xavier de Albuquerque
Suplentes: Almira Rodrigues, Sancha Benvindo Lopes e Sylvain Nahum Levy

REVISTA ALTER

Veridiana Canezin Guimarães (editora)

Carlos Wilson de Andrade Filho (coeditor)

SETOR DE PSICANÁLISE DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Maria Sílvia R. M. Valladares (coordenadora)

SECRETARIA ADMINISTRATIVA: Flávia Alvim e Lannusa Castro

EXPEDIENTE

Boletim Informativo da SPBsb - edição trimestral

Editores responsáveis: Helena Daltro Pontual

Editoração: Lannusa Castro

Sociedade de Psicanálise de Brasília SPBsb

SHIS QJ 09 Bl. E-1 sala 105 - 71625-175

Brasília-DF - (61) 3248-2309 - spbsb@spbsb.org.br - spbsb.org.br